

globo.com
PUBLICIDADE

Com aumento da longevidade, saúde e educação devem ser prioridades, dizem especialistas

IBGE constatou aumento de 3 meses e 11 dias na expectativa de vida dos brasileiros, que chega aos 76 anos

João Paulo Saconi*

29/11/2018 - 22:06 / 30/11/2018 - 12:50



Expectativa de vida do brasileiro já chega a 76 anos Foto: Márcia Foletto

Bem vindo ao Player Audima. Clique TAB para navegar entre os botões, ou aperte CONTROL PONTO para dar PLAY. CONTROL PONTO E VÍRGULA ou BARRA para avançar. CONTROL VÍRGULA para retroceder. ALT PONTO E VÍRGULA ou BARRA para acelerar a velocidade de leitura. ALT VÍRGULA para desacelerar a velocidade de leitura. Ouça este conteúdo 0:00 100% Audima

PUBLICIDADE

RIO — A notícia é boa, mas mantém o sinal amarelo aceso. A expectativa de vida dos brasileiros continua a aumentar, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (**IBGE**). Em 2017, a média de longevidade subiu 3 meses e 11 dias em relação aos nascidos em 2016, e chegou aos 76 anos. Os dados são positivos, mas o país precisa se preocupar com o tema para além da questão previdenciária. Especialistas entrevistados pelo GLOBO afirmam que o dado divulgado nesta quinta-feira reforça a necessidade de atenção para as áreas da **saúde** e da **educação** .

Já recebe a newsletter diária? [Veja mais opções](#)

PUBLICIDADE

inRead invented by Teads

Para o diretor do FGV Social (o centro de políticas sociais da Fundação Getúlio Vargas) Marcelo Neri, o país precisa priorizar uma solução para a aposentadoria, já que destina 13% do PIB para bancar os gastos com o setor — a título de comparação, segundo o economista, o Japão tem 350% mais idosos e gasta 10% da soma dos bens e serviços produzidos no país. Para além disso, Neri vê a tendência como sintoma de que existem ajustes necessários nas políticas públicas para que a população possa envelhecer bem.

— O primeiro ponto é a previdência, mas a notícia também eleva a pressão sobre a saúde. A área tem os custos que mais cresceram ao longo do tempo e com a diminuição do número de crianças e adolescentes e da população ativa e o aumento do número de idosos, as necessidades são outras. É um aumento que impõe uma série de desafios ao país — afirma o especialista.

Saiba mais

Sem deixar de chamar atenção para o que chama de "desaceleração do processo" — entre 2000 e 2016, o brasileiro ganhou mais 6 anos de vida, segundo Neri, e entre 2016 e 2017 teve, proporcionalmente, um ganho 26% menor — ele acredita que a curva ainda ascendente também é oportunidade para uma nova cultura educacional em relação às finanças:

— Se a previdência tem problemas, precisamos preparar as crianças para a gestão de recursos. O país poupa muito pouco e os estudantes devem aprender educação financeira nas escolas. Até porque vão viver mais e vão precisar administrar a vida por mais tempo. Também é possível aumentar a jornada escolar diária, que já foi muito baixa.

PUBLICIDADE

O dado divulgado pelo IBGE demonstra também que a expectativa de vida dos homens aumentou de 72,2 anos para 72,5 anos entre 2016 e 2017, enquanto a das mulheres foi de 79,4 para 79,6 anos. A disparidade entre os estados também fica evidente: em Santa Catarina, é esperado que quem nasceu no ano passado viva 79,4 anos e, no Maranhão, 70,9 anos. A razão da diferença é justificada pelo diretor do FGV Social como reflexo das condições econômicas de cada estado, bem como do acesso à saúde, segurança e às escolas.

Desafios imensos

A médica sanitária e professora da UFRJ Lígia Bahia acredita que a saúde precisa encarar as demandas de uma numerosa população de idosos. Para ela, o sistema brasileiro focado em repor as condições físicas dos trabalhadores, baseado na década de 1930, não pode se esquecer do acompanhamento longitudinal (isso é, contínuo e frequente) do qual precisam os mais velhos.

— O envelhecimento da população é acelerado e os desafios são imensos. A população idosa precisa de atenção a doenças como a catarata e também de alertas para a estabilidade ao andar na rua, evitando quedas, e para as condições de pressão e os níveis de açúcar no sangue — explica Lígia.

Uma das melhorias a serem consideradas, na perspectiva da especialista, é a busca por vínculos mais sólidos entre médicos e pacientes, o que se torna um desafio com a alta rotatividade de médicos. Com a saída de profissionais cubanos de postos no Brasil, por exemplo, 34% dos novos selecionados pelo programa Mais Médicos são provenientes de equipes da Saúde da Família, que trabalham com a atenção básica. A docente considera o caso preocupante não só para os idosos, mas para a população como um todo.

PUBLICIDADE

— A gente não consegue estabelecer equipes estáveis, porque os médicos saem do setor público para o privado, vão para os Mais Médicos, mudam de unidades e vice-versa. O atendimento aos idosos e dos bebês precisa de estabilidade — finaliza.

** Estagiário, sob a supervisão de Daniel Biasetto.*

Mais de Brasil

Ofertas
